

Este é mais um livro da série “Fundamentos” que a Editora Ática vem realizando. O seu autor é uma autora, a Prof<sup>ª</sup> Edith Pimentel Pinto, da Universidade de São Paulo, que já de algum tempo vem contribuindo com obras indispensáveis para o melhor conhecimento da língua portuguesa no Brasil.

Quando se fala em língua popular, pensa-se logo na sua forma oral. E assim tem sido. Os estudos dialectológicos se voltam sistematicamente para a falta inculta, e não nos esqueçamos de que um dos mais notáveis pesquisadores desse campo, o franco-suíço Jules Gilliéron, havido como o pai da Geografia Lingüística, dava preferência, para a seleção do informante, ao analfabeto. No entanto a língua popular não é apenas do analfabeto, mas também do semi-analfabeto, isto é, do imperfeitamente alfabetizado. Se assim não fora, como estariam desfalcadas as “fontes” do latim vulgar!

A Prof<sup>ª</sup> Edith Pimentel Pinto começa agora a explorar esse veio praticamente intato. Podemos acompanhá-la através dos seguintes capítulos: Pressupostos técnicos, A língua literária, Uma língua veicular, Uma língua comprometida. Completa o elenco uma Bibliografia comentada.

Eis alguns exemplos de desvios do padrão culto, colhidos no capítulo “Uma língua comprometida”: *a sim, con tigo, escreve-sse, mespere, mais oumeno, poriso* (gráficos); *bacanérrima, gamar, legal, necas, paquerar, transar* (gráfi); *estou lhe esperando, simpatizei-o, cabelos preto, escrevo esta linhas, tenho sete irmão* (sintáticos).

Qualquer um de nós tem vivido essa experiência, mas não temos sabido aproveitá-la. Há poucos dias, p. ex., li isto no vidro traseiro de uma kombi: *ameaçando*. Há ignorância do uso correto de um sinal ortográfico e, curiosamente, a mesma indecisão já apontada por Fernão de Oliveira, no séc. XVI, em relação ao *i* e *e* átonos quando primeiras vogais de um hiato. Pois o venerando gramático aconselhava que se escrevesse *gloreia, memorea*; e ainda por cima punha cedilha no *c* quando seguido de *e* ou *i*...

A messe é abundante.

Vê-se que o filão é pujante. Que não falem garimpeiros!

Sílvia Elia

PERINI, Mário A. *Sintaxe portuguesa – Metodologia e funções*. São Paulo, Ática, 198 (248 p.) – Série Básica Universtária.

A recente publicação da *Sintaxe portuguesa – Metodologia e funções*, de Mário A. Perini, não só vem preencher uma lacuna em nossos estudos lingüístico-gramaticais, como também procura estabelecer as necessárias relações dialéticas entre técnicas da Lingüística moderna e a nossa tradição gramatical. A obra divide-se em quatro longos capítulos, intitulados, respectivamente: “Descrição, traços distintivos e protótipos”, “Funções sintáticas na oração”, “Funções de nível suboracional” e “A oração complexa”.

O autor fixa-se na estrutura de superfície e privilegia os critérios formais. Para o segundo capítulo – “Funções sintáticas na oração” –, os traços formais selecionados são: concordância verbal, anteposição, possibilidade para um determinado termo de ser retomado por (*o*) *que / quem*, cliticização, posição do auxiliar e posição obrigatória antes do núcleo do predicado.

No que se refere às funções de nível suboracional, os critérios são marcadamente distribucionais: Perini considera que no sintagma nominal máximo podem ocorrer um predeterminante, um determinante, um possessivo, um quantificador, um pré-núcleo, um núcleo e um modificador, nessa ordem, respectivamente.

Não podemos deter-nos em cada um dos traços apontados, o que nos leva a destacar alguns elementos a respeito dos quais gostaríamos de tecer alguns comentários.

Assim, no parágrafo 1.8.5, ao falar da substituíbilidade, critério de importância capital numa análise distribucional, o autor, partindo do par de frases: *Nós chegamos tarde ao concerto e Ontem chegamos tarde ao concerto*, afirma que “teríamos de admitir que *nós e ontem* são substituíveis nesse contexto, e que portanto devem receber um traço comum” (p. 40). Levanta, em seguida, um grupo de quatro frases em que não pode haver coocorrência de *nós e ontem*, com o objetivo de mostrar que não devem receber o traço comum. Ora, um dos princípios da análise distribucional estabelece justamente que os elementos que coocorrem não podem pertencer ao mesmo paradigma; em outros termos, os elementos de um mesmo paradigma são exclusivos. A possibilidade de combinarmos *nós e ontem* no par proposto: *Ontem nós chegamos tarde ao concerto* já é suficiente para mostrar que não são elementos comutáveis.

No parágrafo 2.5.2 (p. 107 e ss.), apresenta a hipótese de que o objeto direto e o predicativo do sujeito não devem ser diferenciados, alicerçando-se nos critérios previamente apresentados. Contudo, convém, aqui também, lembrar que alguns dos critérios formais propostos por Perini (concordância verbal e apassivação) conduzem à diferenciação dos dois termos: o predicativo pode concordar com o verbo *ser* (*Tudo são flores*), o que não se dá com o objeto direto; este último passa a ser sujeito na construção passiva, o que não acontece com o predicativo. Cremos, portanto, que há boas razões formais para distinguir os dois termos.

Ao tratar do vocativo, no parágrafo 2.9.3, considera-o “uma noção discursiva, e não estritamente sintática” (p. 141). Lamentamos que isole o estudo do vocativo do estudo do aposto explicativo, o qual é examinado no capítulo seguinte. O aposto explicativo é também um elemento intervirgulado e permutável no interior da frase. Acrescente-se que, a rigor, o vocativo é um tipo especial de aposto de segunda pessoa, como muito bem o assinala Otto Jespersen, em sua *Analytic syntax* (e, para não esquecer a boa prata da casa, lembremos que é também a posição de Eduardo Carlos Pereira, a partir da terceira edição de sua *Gramática expositiva*).

Evidentemente, não é nosso objetivo negar os grandes méritos da *Sintaxe portuguesa*, fruto de uma pesquisa desenvolvida com o máximo de empenho. Anuncia-se, no prefácio, um segundo volume, que, esperemos, seja publicado brevemente e que, com toda a certeza, lançará muitas luzes sobre as considerações acima.

Prof. Dr. Valter Kehdi

ANTÓNIO VIEIRA – Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda. A critical edition. Introduction and commentary by Frits Smulders. Middelburg 1989. LXVIII + 375 + XXII páginas

Trata-se de tese de doutoramento apresentada à Universidade Católica de Nimega, Holanda, por Frits Smulders que teve como orientador o Prof. José van den Besselaar, conhecido e competente estudioso do Padre Antônio Vieira. A leitura do presente trabalho nos deixa a certeza de estarmos diante de realização verdadeiramente notável, pois o autor procedeu à análise de todas as fontes disponíveis do *Sermão* e enfrentou todos os problemas de exegese textual, de rastreamento de fontes – mormente bíblicas e clássicas – e de elucidação de caráter lingüístico. O Prof. Smulders dá-nos uma idéia sucinta mas precisa das dificuldades que enfrenta um editor de Vieira, tendo em vista a existência de *textus deteriores* que conseguiram infiltrar-se em publicações dirigidas por competentes estudiosos, como ocorreu, entre nós, com a reprodução facsimil-